

O animal que resiste: série de pinturas “resistência”

**El animal que resiste:
serie de pinturas “resistencia”**

**The animal that resists:
“resistance” a series of paintings**

Enviado: 04/11/2021 Aceptado: 14/12/2021

Alice Maria Vasconcelos Lara

Mestra em Artes Visuais. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Brasil)

Email: alicemvgl@gmail.com

Hugo Fernando Salinas Fortes Júnior

Doutor em Artes, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (Brasil)

Email: hugofortes@usp.br

Este artigo apresenta reflexões sobre uma série de pinturas de Alice Lara, intitulada *Resistência*, em que são representados grupos de animais-não-humanos que se auto-organizam para resistir às péssimas condições a eles impostas por seres humanos. O texto discute como esses animais, ao resistirem, simultaneamente influenciam grupos humanos inferiorizados socialmente a lutarem contra condições políticas adversas. Debate-se sobre como a distinção humano-animal foi forjada para impor uma supremacia humana e oprimir tanto animais como humanos. Conclui-se afirmando como a desconstrução da distinção humano-animal pode ser positiva para todos.

Palavras-chave: pintura, animal-não-humano, animalidade, relação humano-animal.

Este artículo presenta reflexiones sobre una serie de pinturas de Alice Lara, tituladas *Resistencia*, en que están representados grupos de animales no humanos que se organizan para resistir las terribles condiciones que les imponen los seres humanos. El texto discute cómo estos animales, al resistir, influyen simultáneamente en grupos humanos socialmente inferiorizados para luchar contra condiciones políticas adversas. Se debate cómo se forjó la distinción entre humanos y animales para imponer la supremacía humana y oprimir tanto a los animales como a los humanos. Se concluye afirmando cómo la deconstrucción de la distinción humano-animal puede ser positiva para todos.

Palabras clave: pintura, animal no humano, animalidad, relación humano-animal.

This article presents reflections on a series of paintings by Alice Lara, entitled *Resistencia*, in which groups of non-human animals that organize themselves to resist the terrible conditions imposed on them by human beings are represented. It is discussed how these animals, when resisting, simultaneously influence socially inferiorized human groups to fight against adverse political conditions. It is debated how the human-animal distinction was forged to impose human supremacy and oppress both animals and humans. It concludes by stating how the deconstruction of the human-animal distinction can be positive for all.

Keywords: painting, non-human animal, animality, human-animal relationship.

1. Introdução

Este artigo, escrito em co-autoria de Alice Lara com Hugo Fortes, apresenta reflexões sobre a produção pictórica da primeira autora, desenvolvidas a partir de pesquisa de mestrado orientada pelo segundo autor. É apresentada a série de pinturas *Resistência*, elaborada sobre grupos de animais que, organizados, conseguem resistir à opressão humana. O texto descreve também as narrativas que inspiram a artista a produzir essas pinturas e que não são apresentadas, obrigatoriamente, junto às obras, quando essas são expostas, mas que possuem papel fundamental no desenvolvimento do trabalho.

A partir das ideias de Giorgio Agamben (2013), Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), Deleuze (1988) tecem-se reflexões sobre a construção da distinção entre humano e animal. Uma vez que o presente artigo trata de uma pesquisa relacionada ao trabalho artístico individual de Alice Lara, adotamos a partir de agora a primeira pessoa na narrativa do texto, como forma de dar voz à artista que reflete sobre suas fontes de inspiração e procedimentos.

2. Série “Resistência”

A série “Resistência” retrata três grupos específicos de animais: as matilhas de cães, as manadas de jumentos e as manadas de búfalos (figuras 1 a 8). Apresento inicialmente as imagens que compõem esta série e breves relatos sobre as condições em que se encontram esses animais.



Figura 1: Alice Lara. Sem título (cachorros e veado). Série Resistência. 70 x 190 cm. Óleo e encáustica sobre tela. 2017. Fonte: acervo pessoal.



Figura 2: Alice Lara. A estranha adaptação das cadeias. Série Resistência. 70 x 120 cm. Óleo sobre tela. 2017. Fonte: acervo pessoal.



Figura 3: Alice Lara. Cachorros e veado na mata. Série Resistência. 90 x 110 cm. Óleo e encáustica sobre tela. 2018. Fonte: acervo pessoal



Figura 4: Alice Lara. Cachorros e lobo-guará. Série Resistência. 65 x 45 cm. Óleo e encáustica sobre tela. 2018.

Fonte: acervo pessoal

2.1. As matilhas de cães domésticos

A presença de cães domésticos abandonados por seus donos nas imediações de matas são um grande problema no Brasil atual. Eles se readaptam ao ambiente selvagem formando matilhas para caçar e matar animais silvestres. Enquanto sobrevivem causam grande dano ambiental. Ressalto não ser um problema de responsabilidade dos cães e sim dos seres humanos que, não raras vezes, descartam ou introduzem espécies em habitats estrangeiros a elas, criando um desequilíbrio, forçando-se os animais a buscarem adaptação e simultaneamente extinguindo os recursos locais destinados a espécies nativas. Assim, ao pintar os cães, não estou exaltando o desastre ambiental, mas sua capacidade de reagir ao abandono.

Entrei em contato com esse tópico a partir de jornais que relatam esse tipo de problema. Já vi esse assunto ser relatado tanto no Distrito Federal como no Rio de Janeiro. No entanto, as pinturas dessa série fazem referência aos cães que vivem no Distrito Federal (minha cidade de origem), remetendo a memória pessoal (figuras 1, 2, 3 e 4).

2.2. As manadas de jumentos



Figura 5: Alice Lara. Jumentos de Jericoacoara. Série Resistência. 80 x 120 cm. Óleo sobre tela. 2017. Fonte: acervo pessoal.



Figura 6: Alice Lara. Jumentos de Jericoacoara (Pedra vermelha). Série Resistência. 160 x 130 cm. Óleo sobre tela. 2017. Fonte: acervo pessoal.

De modo semelhante aos cães, manadas de jumentos atualmente habitam as paradisíacas praias nordestinas de *Jericoacoara*. São remanescentes daqueles animais cuja força de trabalho, muito utilizada em transporte de carga, foi substituída por veículos de tração mecânica. Sobrevivem, agora, comendo o lixo resultante de um turismo predatório, presente na região.

Muito adaptados ao ambiente, os jumentos se reproduzem e compõem a bela paisagem. Em estado selvagem, eles andam em manadas, se autoprotegem e não são acessíveis ao toque humano, sendo fugidios a qualquer tentativa de contato. Conheci esses animais a partir de uma visita turística que fiz à cidade. Voltei, em outra ocasião, já com o objetivo de me aproximar deles. Fui guiada por um morador local que me apresentou melhor a condição dos bichos nesse local. Assim produzi as pinturas dessa série (figuras 5 e 6).

2.3. As manadas de búfalos



Figura 7: Alice Lara. Búfalos e os Siouxie. Série Resistência. 80 x 120 cm. Óleo sobre tela. 2017. Fonte: acervo pessoal.



Figura 8: Alice Lara. Búfalos e os Siouxie. Série Resistência. 70 x 120 cm. Óleo sobre tela. 2017. Fonte: acervo pessoal.

Já os búfalos são animais que, em manadas, habitam o vasto território dos Estados Unidos e, apesar da urbanização, atravessam todo o país. Fortes, velozes e ágeis foram domesticados com dificuldade pelos invasores que colonizaram a região.

Os búfalos são os únicos animais que retratei que não são introduzidos em um ecossistema estrangeiro, sendo, assim, os únicos nativos. Para a comunidade indígena ao seu redor, são considerados sagrados.

3. A distinção humano-animal

No desenvolvimento dessa série é importante entender certas complexidades envolvendo a relação humano-animal. Primeiramente essa distinção foi estabelecida por humanos, dentro do contexto Europeu e é extremamente valorizada para manter nossa suposta superioridade, legitimando qualquer tipo de opressão, sendo apontada pelo filósofo italiano Giorgio Agamben (2013) como o grande pilar de nossa sociedade. Para exemplificar isso, o filósofo destrincha a pesquisa de Carl Linnaeus, sueco, pai da taxonomia moderna.

Conforme aponta Agamben, Linnaeus encontrou poucas diferenças entre humanos e símios e propôs o termo *Homo Sapiens*. O termo, porém, é forçado, já que o prefixo *Homo* engloba, numa primeira visada, a descrição de outros primatas, demonstrando como a diferença entre humanos e animais foi forjada pelos humanos para, entre outras coisas, legitimar a opressão ao animal. O limite entre o animal e o humano é muito frágil e se move com facilidade, colocando-se a serviço da opressão e da exaltação de sujeitos por sua pretensa semelhança ou dissociação do animal.

Apoiando-me nesses autores, desenvolvo o trabalho como um relato dessa indistinção, mostrando situações onde essa barreira se rompe. Entendo não estar apenas lançando novo olhar para o problema do modo como lidamos com o natural, mas sim recuperando uma sabedoria pertencente a povos mais antigos ou mantidos isolados da dominação pela urbanização e pela industrialização e que, devido à sua proximidade, nunca negaram a sabedoria presente no natural.

Nessas comunidades havia/há consumo de carne e matança de animais, mas o animal ali ocupava/ocupa um papel social mais complexo que os higienizados pedaços de carne que chegam às nossas mesas ou das modificadas miniaturas das feras, outrora habitantes do selvagem e que, hoje, ocupam nossos lares¹.

Entre vários elementos da cultura, dentro do humanismo, a pintura nos é ensinada como uma marca da civilização e do nosso conhecimento adquirido via escolas europeias de arte. Como uma artista de formação acadêmica, com mestrado na Universidade de São Paulo, dificilmente meu trabalho se afastaria completamente dessa tradição. Mas o que

¹ Me refiro a cães, gatos e outros animais domésticos. Estes bichos mesmo nos parecendo muito naturais são resultado de muitas seleções genéticas. Estas seleções buscavam quesitos específicos, como tamanho, forma e pelagem, na busca de agradarem ao homem e poderem ocupar nossos limitados lares. Deleuze e Guattari (1997) entendem os animais domésticos como aqueles que perderam sua potência, presos em relações edipianas de papai e mamãe. Curiosamente, na atualidade, o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística-IBGE constatou nos lares brasileiros maior número de gatos e cachorros que crianças, demonstrando como, de fato, esses animais usurparam o papel da criança.

tenho buscado como forma de ação e de pensar o pintar está em entender que a pintura existe não apenas porque sou humana, civilizada e educada, mas principalmente porque sou um animal e estou mais próxima a ele.

Nessa tradição que questiono, o homem europeu e branco (e seus descendentes) são os únicos capazes de fazer arte. A mulher, o latino, o negro, o indígena, a criança e o animal não fazem arte a não ser quando conseguem copiar aquilo que o homem branco europeu faz. No entanto, essa cópia, infelizmente, segundo tal perspectiva, jamais sairia de seu papel de cópia, de subproduto de um original. O homem branco europeu é muito bom em ser um homem branco europeu. Essa narrativa foi construída, e nós acreditamos nela para apagar as pegadas demonstrativas de que nós fazemos arte não por nos dissociarmos do animal ou de nossas identidades diversas, mas porque encontramos nossa porção animal onde revelamos nosso poder artístico.

Complementando o pensamento de Agamben, os filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997) criticam as ideias evolucionistas tradicionais, segundo as quais as espécies evoluem paralelamente umas às outras, ou em grupos de espécies próximas ou parentes de forma isolada. Para eles, essas são ideias ultrapassadas, geralmente apresentadas em esquemas tradicionais de organização da vida como árvores genealógicas e esquemas evolutivos. Eles defendem, de forma diferente, que toda a vida estaria ligada entre si em um esquema rizomático, onde todos os elementos da natureza podem ser conectados e se influenciarem mutuamente.

4. O devir-animal

Pensando nessas contaminações humano-animal, acredito ser importante pensar no conceito de devir-animal, esclarecido com grande dedicação pela obra de Deleuze e Guattari (1997). Este devir seria uma força presente nos corpos, mas que também os atinge, não sendo uma gradação entre as semelhanças entre humanos e animais, nem uma ordenação entre as diferenças para chegar a uma correspondência das relações. O devir-animal atinge, de modo equilateral, humanos e animais, não sendo imitação ou identificação. Eles não estão na imaginação, pois, são atividades reais. Não fazendo parte da evolução, o devir conecta elementos aparentemente desconexos, impulsionando a criatividade e fazendo coisas inesperadas, sendo assim muito relevante para a produção e pensamento artístico.

Assim, Deleuze e Guattari (1997) analisam diversas obras onde há um devir-animal: *Willard* (1972), do diretor Daniel Mann, é um filme de terror *trash* que conta a história de um jovem que gosta muito de ratos e que se mistura com eles de tal forma que eles começam a participar de sua vida afetiva e de suas ações de vingança contra outros personagens. Willard não está imitando os ratos, ele acha sua porção rato, ele ativa em si essa porção tornando-se rato.

Na obra literária de *Moby Dick*, o capitão Ahab viaja em busca de se vingar da

baleia Moby Dick, pois ela comeu sua perna. Para isso, ele vive seu devir-baleia.

Kafka, por sua vez, é um dos autores mais famosos em devires-animais. Ele escreve sobre cantoras-camundongos, baratas-homens, macacos-acadêmicos onde não há uma única direção de fluxo: tanto o humano pode estar em seu devir-animal, como o animal em seu devir-humano, se contaminando.

Além desses autores e obras específicas, Deleuze e Guattari citam os seres míticos literários, tais como lobisomens e vampiros, cuja monstruosidade reside justamente na transição de suas formas entre o humano e o animal.

O devir-animal é um conceito muito importante para o entendimento dos fluxos ocorridos nos fatos que inspiraram a série *Resistência* e seu modo de produção. Em minha percepção, quando investigava os cães, percebia uma trajetória muito semelhante aos moradores dos lixões, ao redor das matas próximas a minha casa, no Distrito Federal.

Assim como os cães, esses moradores se uniram para se alimentar e sobreviver, entrando na mata e formando uma cidade, a contragosto do poder hegemônico. Os cães eram vira-latas que iriam misturar mais ainda sua genética à medida que vivessem na mata. Já os moradores, vindos de vários lugares do país em sua diversidade étnica e, geralmente, de peles mais escuras, não representam a pureza das elites brasilienses, não têm seu “pedigree”. Muitas vezes, os cães viviam entre a mata silvestre e junto aos moradores.

O jumento, abandonado na praia, vive de modo vira-lata, sem-terra, tal qual o jeriquaquarense, impossibilitado de viver em sua terra natal, pois sua terra foi tomada pelos turistas e pela exploração imobiliária. Visto como abjeto, feio, devido a seu grande pênis, o jumento é motivo de piadas jocosas. Seu nome é um xingamento evocando a idiotice. São todos adjetivos atribuídos ao povo nordestino por xenofóbicos sudestinos.

Veja, como exemplo, a letra da música “Jumento Celestino” da banda do estado de São Paulo, Mamonas Assassinas:

*Tava ruim lá na Bahia, profissão de boia-fria/Trabalhando noite e dia,
num era isso que eu queria/Eu vim-me embora pra “Sum Paulo”/ Eu vim
no lombo dum jumento com pouco conhecimento/ Enfrentando chuva e
vento e dando uns peido fedorento/Até minha bunda fez um calo/ Chegando
na capital, uns puta predição legal/ As mina pagando um pau, mas meu
jumento tava mal/ Precisando reformar/ Fiz a pintura, importei quatro
ferradura/ Troquei até dentadura e pra completar a beleza/ Eu instalei
um Road-Star!! Descendo com o jumento na mó vula/ Ultrapassei farol
vermelho e dei de frente com uma mula/ Saí avuando, parecia um foguete/
Só não estourei meu côco pois tava de capacete/ Me alevantei, o dono da
mula gritando/ O povo em volta tudo olhando e ninguém pra me socorrer/*

*Fugi mancando e a multidão se amontoando/ Em coro tudo gritando:
“Baiano, cê vai morreêê!”/ Depois desse sofrimento, a maior desilusão/ Pra
aumentar o meu lamento, foi-se embora meu jumento/ E me deixou com as
prestação/ E hoje eu tô arrependido de ter feito imigração/ Volto pra casa
fudido, com um monte de apelido/ O mais bonito é cabeção! (Mamonas
Assassinas², 1995)*

O próprio nome da música, Celestino, é um nome típico de homens nordestinos brasileiros. A ideia do baiano como representando todo o Nordeste, como se não houvesse diversidade étnica na região, é muito replicada no Sudeste. A grosseria do personagem nordestino da música é totalmente associada ao jumento. Por outro lado, temos a música “Apologia ao jumento” (O jumento é nosso irmão), de Luiz Gonzaga, um nordestino da cidade de Exu, no interior do Pernambuco:

*É verdade, meu senhor/ Essa história do sertão/ Padre Vieira falou/ Que o
jumento é nosso irmão/ Quer queira ou quer não!/ O jumento sempre foi/
O maior desenvolvimentista do sertão!/ Ajudou o homem na lida diária/
Ajudou o homem/ Ajudou o Brasil a se desenvolver/ Arrastou lenha/
Madeira, pedra, cal, cimento, tijolo, telha/ Fez açude, estrada de rodagem/
Carregou água pra casa do homem/ Fez a feira e serviu de montaria/
O jumento é nosso irmão!/ E o homem, em retribuição/ O que é que lhe dá?
Castigo, pancada, pau nas pernas, pau no lombo/ Pau no pescoço, pau na
cara, nas orelhas/ Ah, jumento é bom, o homem é mau!/ E quando o pobre
não aguenta mais o peso/ De uma carga, e se deita no chão/ Você pensa que
o homem chega, ajuda/ O bichinho se levantar?/ Hum...pois sim!/ Faz é um
foguinho debaixo do rabo dele/ O jumento é bom/ O jumento é sagrado/
O homem é mau/ O homem só presta pra botar apelido no jumento/ O
pobrezinho tem apelido que não acaba mais/ Babau, Gangão, Breguesso,
Fofar kichão/ Imagem do Cão, Musgueiro, Corneteiro, Seresteiro/ Sineiro,
Relógio... É, ele dá a hora certa no sertão/ Tudo isso é apelido que o
Jumento tem/ Astronauta, Professor, Estudante/ Advogado das Bestas/ É
chamado de Estudante/ Porque quando o estudante não sabe a lição da
escola/ O professor grita logo/ Você não sabe porque você é um jumento!/ E
o estudante, pra se vingar/ Botou o apelido no jumento de professor/ Porque
o professor ensina a ler de graça./ Pois sim!/ Quem ensina a ler de graça é
o jumento, meu filho (...) Esse é o jumento, nosso irmão/ Animal sagrado/
Serviu de transporte de Nosso Senhor/ Quando ele ia para o Egito/ Quando
Nosso Senhor era pirritotinho/ Todo jumento tem uma cruz nas costas, num
tem?/ Pode olhar que tem/ Todo jumento tem uma cruz nas costas/ Foi ali*

² Mamonas Assassinas foi uma banda musical brasileira bastante popular nos anos 1990.

*que o menino santo fez um pipizinho/ Por isso ele é chamado de sagrado/
(...) (Gonzaga, 1976)*

Gonzaga se solidariza com os maus tratos sofridos pelo animal, explicita seu papel sagrado para os católicos e sua importância para a economia do país. Ao chamar o jumento de irmão, rompe a cadeia de pensamento evolutivo que separa o homem do animal considerado abjeto. Gonzaga vive um devir-jumento. Assim como ele, também estou passando por meus devires animais e sendo ativada para produzir a série. Esta percepção de um devir-animal que me contamina enquanto artista, leva-me a refletir sobre as relações do indivíduo com seus grupos sociais e suas implicações políticas, que procuro explicar no item que se segue.

5. Animais como influenciadores de uma resistência política

Um aspecto importante presente em todas as obras da série *Resistência* é a coletividade com a qual animais se apresentam, demonstrando sua capacidade de organização interna mesmo diante do abandono e exploração humanos. Esta coletividade é um dos aspectos mais ressaltados por Deleuze e Guattari (1997). Eles observam as manadas, matilhas e cardumes como geradoras de uma grande potência. Cada sujeito animal carrega a força de seu grupo. E nós humanos nos tornamos animais pelo fascínio adquirido pelos coletivos, pela sua capacidade de propagação, pela sua possibilidade de contágio. Esse fascínio não é externo, ele já existe em nós, sendo ativado pelos coletivos. Nas palavras de Deleuze e Guattari (1997): “cardume, bandos, manadas, populações não são formas sociais inferiores, são afectos em potencial, involuções que tomam todo o animal, num devir não menos potente que o do homem com o animal” (p. 18).

Especificamente, fazendo alusão a isso, quando estava investigando a relação entre os búfalos e os indígenas, vi, por vídeo, um momento onde os indígenas *Siouxie*, durante um protesto por suas terras, presenciaram a chegada de uma manada de búfalos e entendiam naquela movimentação um apoio político/sagrado a sua causa, sendo uma imagem exemplar da “contaminação” causada pelas manadas, como descrevem Deleuze e Guattari.

As organizações animais citadas na série *Resistência* não dependem do humano para existir, mas são símbolos para os grupos identitários dos quais estavam mais próximos. Há uma similaridade entre os coletivos de animais e os coletivos humanos, podendo-se entender, inclusive, que as organizações políticas humanas surgem a partir de uma espécie de imitação – ou, ao menos, inspiração – do animal pelo humano. Assim, quebramos o paradigma de que fazemos política unicamente pela evolução e organização das sociedades humanas e começamos a entender que essas ações também advêm do animal.

Desse modo, embora a política e a resistência nos sejam ensinados como marca

da evolução da humanidade, entendo, a partir do exemplo das manadas de búfalos, que, na verdade, os humanos estão também aprendendo com os animais sobre como se organizarem e se rebelarem.

Assim, orientada pelo pensamento de Deleuze e Guattari, permito-me enxergar, na vivência do animal, ações políticas.

6. Considerações finais

Em meu processo criativo de realização das pinturas apresentadas neste artigo, procuro entrar em contato meu devir-animal para dar origem a essas imagens poéticas. Como um lobo, estou sempre com as orelhas em pé em busca de ouvir histórias ou fatos relacionados ao meu tema. Guiada pela ideia da indistinção entre humano e animal e pelas memórias, entro em processos de imersão que possibilitam a criação.

Na contemporaneidade, há uma grande facilidade para entrar em contato com narrativas acerca do animal. Essa é uma facilidade da qual me aproveito por meio de filmes, notícias, músicas etc. Mas também acredito ser muito importante ouvir diretamente o que as pessoas podem contar sobre suas vivências, pois estas carregam em si a marca do real, a identidade do contador e a necessidade de expressão de cada sujeito. A leitura de filósofos que discutem a questão animal também complementa meu processo criativo e amplia as possibilidades de pensamento sobre as pinturas.

Acredito que meu fazer artístico é também um fazer político, que questiona as relações pré-estabelecidas entre dominadores e dominados. Penso que o entendimento e a dissolução das distinções humano-animal que foram conduzidas ao longo da história são bastante importantes para que possamos criar um ideal mais positivo tanto para humanos de grupos sociais inferiorizados como para os animais.

Ao suscitar esse debate não estou produzindo algo inédito mas recuperando ideais presentes em outras sociedades e também rerepresentando-os poeticamente através da arte.

Bibliografía

- Agamben, G. (2013). *O aberto: o homem e o animal*. Rio de Janeiro, Brasil: Civilização Brasileira.
- Berger, J.(2009). *Why look at animals?* Londres, Inglaterra: Penguin Books.
- Castro, V.(2015). *Metafísicas Canibais. Metafísicas Canibais — elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo, Brasil: Cosac & Naify,
- Deleuze G.(2010); Guattari, Félix. *O que é a Filosofia?* São Paulo, Brasil: Editora 34.
- Deleuze G.; Guattari 1997^a). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia v.4*. Rio de Janeiro, Brasil: 34.
- Deleuze, G. (2007). *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Derrida, J. (2002). *O animal que logo sou*. São Paulo, Brasil: Ed.UNESP.
- Flusser, V. (2011). *Natural:mente: vários acessos ao significado da natureza*. São Paulo, Brasil: Annablume.
- Lestel, D. (2011). *A animalidade, o humano e as “comunidades híbridas”*. En: Maria Esther Maciel: *Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica*. Florianópolis, Brasil: UFSC.
- Mamonas Assassinas (1995). *Jumento Celestino*. In: Mamonas Assassinas. Faixa 5. CD.
- Gonzaga, L. (1976). *Apologia ao jumento (jumento é nosso irmão)*. Brasil: Capim Novo. 1 Disco sonoro. Direção artística: Rildo Hora. .
- Ribeiro, A. M. (2016). *Paula Rego por Paula Rego*. Lisboa, Brasil: Temas e Debates.
- Sloterdijk, P. (1983). *Crítica da razão cínica*. Lisboa, Brasil: Editora Rélogio d'Água.

ALICE MARIA VASCONCELOS LARA

Nasceu no Distrito Federal Vive e trabalha em São Paulo. Sua pesquisa, na linguagem pintura, investiga a representação de animais, suas relações com os seres humanos e como essas relações afetam ambos. Graduiu-se em Artes Visuais em licenciatura e bacharelado pela Universidade de Brasília. Mestre em poéticas visuais na ECA-USP.

HUGO FERNANDO SALINAS FORTES JUNIOR

Hugo Fortes é Artista Visual, Curador, Designer e Professor Associado da Universidade de São Paulo, Brasil. Como artista, já apresentou seu trabalho em mais de 15 países. Doutor em Artes Visuais pela Universidade de São Paulo e Livre-docente em Expressão Tridimensional pela mesma universidade. De 2004 a 2006 viveu em Berlim para realização de estágio doutoral com bolsa do Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD). Seu trabalho é voltado para a investigação das relações entre arte e natureza.